

seis poemas de **Wender Montenegro**

MEA CULPA OU PROFISSÃO DE FÉ

(Ao poeta Francisco Carvalho)

Semear poeiras e andrajos de esperas
dissecar os ossos das metáforas
acender espantalhos no amarelo das espigas.

Decantar o silêncio que sustenta o cais
ostentar um colar de metonímias
despir a voz da louca, cuja febre anuncia
um evangelho apócrifo.

Caminhar sob pedras como por milagre
ouvir a foz rouca dos rios da infância
borrifar no azul as flores do arco-íris.

Pintar um verão vazio de andorinhas
se encharcar de sol e devaneios
hastear um lenço sujo de saudade
ajustar os ponteiros na cúpula dos pardais.

TECIDO DE ESPERAS

O olhar colhe asperezas...
Nenhuma alma de regresso às mãos
cansadas de tecer esperas;
nenhuma nau singra a saudade
e a tessitura é desfeita
pela ausência de abraços.

INVENTÁRIO

O brasão está posto nas cãs da matriarca
as chaves da terra
penduradas no peso dos anos
lhe enferrujam a voz.

Sete línguas mastigam as léguas do tempo
sete reses ruminam as vozes dos mortos.

E meu filho dorme, alheio a tudo isso.
Inocente ainda e derradeiro herdeiro
apenas deseja palmilhar um sonho
nas léguas do seu chão
de berço.

TEMPO DESCARRILHADO

(Ao poeta Mário Gomes)

Esses olhos que a terra não deseja
hão de comer a vastidão da terra
plantar no solo o sêmen de seus rastros
cravar na pedra o seu punhal de febre,
sonho pleno de pedra.
As algemas de sangue, solidão e medo;
o luminoso terror noturno...
Há tragédia em cada ato
no tempo descarrilhado
e um gosto de eternidade.

POEMA-FOGO PARA HERBERTO HELDER

Impossível ver seu rosto de homem
pentecostes na voz em meio à sarça ardente
seiva bruta na saliva que irriga lavouras
de poemas e ostras e algas
do mar da Madeira. Ilha de mistérios
onda a levedar no pão de cada lua
ofício cantante em harpa de ouro e trigo
louros ressequidos pelo sol selvagem
de seu autoexílio.

Impossível ver seu rosto em bronze
diamante polido pela mão de um anjo
a gritar: – Ó zona de baixeza humana!
Mítico maldito em estado selvagem
o olhar varado pela flecha de prata
do menino-bardo;
cordão umbilical atado a tudo
que o tempo lavrou em vil caligrafia:
fogueira e monturo no buço da noite
cabelos de plantas descendo os adobes
ressaibos de dores nos poros do amor
explosão do átimo de Deus
lavas de dragão incinerando a pátina
vulcão regurgitando a própria entranha
escarrando pro céu o cuspe de sua alma.

Impossível não ler Herberto em chamas

REPAROS

A alma está suja
nenhuma orquídea no peitoril dos olhos
as heras se espalham
no muro dos lamentos da lembrança
sonhos pendem das vigas,
casas de maribondo abandonadas.
Há um mofo que engole os gritos abstratos
desse peito gasto,
paredes rachadas como se feridas
por um anjo morto
desses que fendem os séculos.
Só o silêncio arrulha nas gaiolas
e os fantasmas segredam,
no alpendre do tempo,
estranhas litâneas
a essa lama de vida nas calhas
da piscina em lodo
onde o sol não nada.

Wender Montenegro (Trairi-CE, 1980). Poeta, publicou seu livro de estréia, *Arestas*, em 2008, pela All Print- SP, com o qual foi indicado ao Codex de Ouro, 2011. Tem a publicar, *Casca de nós*.

E-mail: wendermontenegro@hotmail.com.